

DANIEL PIRES

DICIONÁRIO  
DA  
IMPrensa PERIÓDICA  
LITERÁRIA  
PORTUGUESA  
DO  
SÉCULO XX  
(1900 - 1940)



*Grifo*

Shi

DANIEL PIRES

**DICIONÁRIO**  
**DA**  
**IMPRENSA PERIÓDICA**  
**LITERÁRIA**  
**PORTUGUESA**  
**DO**  
**SÉCULO XX**  
**(1900 - 1940)**



*Grifo*

gre, de 1 de Fevereiro a 22 de Maio de 1910, quinze números, dirigido por Francisco de Ascensão Ribeiro. Apresentou colaboração literária de Alberto Carlos e M. Correia, entre outros.

### CONFIDENTE (O)

Publicado em Lisboa no dia 23 de Maio de 1904, foi dirigido por Francisco de Haro e editado por Menezes, C. de Sousa e Antunes Fernandes. Número único.

### CONÍMBRIGA

*Revista mensal de arte, letras, ciência e crítica* publicada em Coimbra, no dia 17 de Março de 1923. Número único dirigido por Valdemar da Silva Lopes, Campos de Figueiredo e Germano Vieira.

Da sua nota de abertura, dois excertos: «Literariamente não nos apresentamos com a pretensão estulta de reformar a mentalidade nacional»; «[...] em arte pretendemos mostrar que em Coimbra há revelações de incontestável merecimento.»

Colaboração poética de Teixeira de Pascoaes e Afonso Lopes Vieira, autores de «Incêndio» e «Argel», ensástica de Vitorino Nemésio que assina um texto sobre o pintor Vázquez Díaz. Inclui ainda colaboração de António Augusto Gonçalves, António Ferreira Monteiro, Augusto Casimiro e de Campos de Figueiredo, desenhos de

Vasquez Dias, José de Seabra e Germano Vieira e um retrato de Miguel de Unamuno.

**Bibliografia:** MAIA, Álvaro, «Terra Portuguesa», nº 35/36, e «Conímbriga», nº 1, in *Revista Portuguesa*, nº 13 (9.06.1923).

### CONTEMPORÂNEA

A *Contemporânea* insinuou-se no espaço cultural português no início de Maio de 1915, com um número espécimen que se caracterizava pelo seu ecletismo: a arte, a literatura, o teatro, o desporto, a moda e a sociedade preenchiam as suas páginas. Valorizava, muito ao gosto da época, a imagem, entre reportagens fotográficas de sabor fim de século e algum grafismo “moderno” em que se ensaiavam Almada, Baradas, Eduardo Viana, Carlos Franco e José Pacheco. Acenava à ditadura de Pimenta de Castro com uma mão, com a outra saudava a Igreja, que passava por dificuldades várias, fragilizada pelas incursões jacobinas.

A *Contemporânea* propunha-se ser um lugar de agitação e de convergência de todos os que se interessavam pela arte em Portugal e que não dispunham de uma tribuna onde pudessem aferir opiniões, apresentar sugestões, trilhar novas sendas. Tinha os olhos postos nos movimentos vanguardistas da Europa, recusando dialecticamente a claustrofobia e a anemia que secu-

larmente nos tolhiam. Preconizava no seu programa que os seus colaboradores seriam «as figuras mais brilhantes e variadamente individuais das nossas modernas correntes artísticas, desde as mais simples às mais complexas – todos quantos, desde o verso até à linha, sabem servir as curiosidades cultas e os interesses aristocratizados». Pretendia ser uma «revista para gente civilizada, uma revista expressamente para civilizar gente», terminologia e programa que, na opinião circunstanciada de António Braz de Oliveira, poderá ter muito bem a dedada eterna e “excessivamente lúcida” de Fernando Pessoa, nas margens de *Orpheu*.

Por razões políticas – o consulado de Pimenta de Castro foi derrubado poucos dias depois do aparecimento da *Contemporânea* – ou por motivos menos “públicos”, o projecto teve, então, uma falsa partida e só foi retomado sete anos mais tarde. Com efeito, em 1921, os jovens que tiveram o privilégio de viver na cidade de Paris – laboratório onde fertilizavam as experiências mais ousadas no domínio das letras e das artes – insurgiram-se contra a apatia e a inércia que eram lugar comum na Sociedade Nacional de Belas-Artes, cuja actividade estava circunscrita à organização de uma exposição anual. Planeavam uma adesão em massa àquela instituição e a subsequente realização de eleições, facto

que lhes propiciaria as rédeas daquela instituição e a possibilidade de concretizarem os seus legítimos anseios. Abra-se um parêntese para registar que os “Novos” – como passaram a designar-se e a ser designados – não hostilizavam os artistas consagrados e pretendiam exclusivamente “fazer arte” através de exposições, festas, bailes, chás, concertos e representações, como refere José Pacheco em entrevista a um vespertino de Lisboa.

Esta iniciativa foi, porém, contrariada pela direcção da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Sem uma tribuna para poderem defender os seus ideais de carácter artístico, e pretendendo denunciar a arbitrariedade a que tinham sido sujeitos, os artistas jovens recuperaram o projecto encetado em 1915, dando-lhe, porém, uma dimensão mais ampla, fruto de um impulso que os acontecimentos recentes fundamentaram. Renasceu, assim, a *Contemporânea*, em Maio de 1922, dirigida por José Pacheco, arquitecto que se revelara de extrema energia e acutilância na polémica com a direcção da Sociedade Nacional de Belas-Artes.

A *Contemporânea* fez a ligação entre o primeiro e o segundo modernismo literários vindo a lume entre o *Orpheu* e a *Presença*. Publicou colaboração inédita de algumas das principais personalidades da cultura portuguesa da época – Almada Ne-

greiros, António Botto, António Ferro, Aquilino Ribeiro, Camilo Pessanha, Eugénio de Castro, Fernando Pessoa, José Régio, Leonardo Coimbra, Mário de Sá-Carneiro, Teixeira de Pascoaes, Teófilo Braga, entre muitos outros. Não faltou também Marinetti, presente, aliás, desde o *Portugal Futurista*. Convocou para as suas páginas a colaboração, no domínio das artes plásticas, de Almada Negreiros – uma presença exuberante e estimulante em todos os números da revista –, Amadeu de Sousa Cardoso, António Carneiro, Bernardo Marques, Columbano Bordalo Pinheiro, Diogo de Macedo, Eduardo Viana, Ernesto do Canto, Francisco Franco, Jorge Barradas, Stuart Carvalhaes, entre outros. Porém, a importância da *Contemporânea* não se esgota com a colaboração criteriosa de que dispôs ou com o extremo apuro formal que patenteou. Com efeito, constituiu um projecto cultural lato e ambicioso. São dignos de menção as conferências que organizou sobre arte, música, literatura portuguesa e a personalidade de Dostoievski; os concertos realizados em Lisboa, Porto e Coimbra; a dinamização das exposições de Eduardo Viana, Eduardo Malta, Vázquez Díaz, Carlos Porfírio e Teles Machado; um “Serão de Arte”, com a presença de Carlos Malheiro Dias, Augusto de Santa-Rita e Américo Durão, entre outros; a fundação de uma Univer-

sidade Popular em Lisboa; uma incursão, embora breve, pela edição de alguns livros.

A *Contemporânea* pugnou arduamente pela divulgação das ideias iberistas em Portugal, procurando combater preconceitos atávicos e o nosso tradicional provincianismo cultural. Esta intensa actividade teve o seu corolário lógico no louvor público que o Ministro da Instrução, João Camoesas, mandou publicar no *Diário do Governo*, «por ter prestado relevantes serviços à propaganda e difusão da literatura portuguesa».

Organizado por António Braz de Oliveira e Daniel Pires, foi publicado em 1993 o volume *Pacheco, Almada e a “Contemporânea”* que reproduziu todas as capas da revista, o seu programa, a sua vida financeira, cartas de José Pacheco, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Amadeu Sousa Cardoso, Almada Negreiros, Jorge Barradas, entre outros; incluiu ainda aproximações críticas à época da autoria de José-Augusto França, Gustavo Nobre, Cristina Azevedo Tavares, Maria Helena de Freitas, Fernando Guimarães, Lima de Freitas e Eduardo Lourenço; reconstituiu a polémica entre “Novos” e “Velhos”, em torno da direcção da Sociedade Nacional de Belas-Artes; inseriu o fac-símile do número espécimen e do suplemento especial da revista, bem como o rastreio da colaboração literária e plástica de Almada Ne-

greiros no periódico e os índices onomástico, temático e analítico.

Dirigida por José Pacheco, publicou-se em Lisboa, em Maio de 1915, data do número espécimen; em Maio de 1922 retomou a sua publicação que se prolongou sem grandes sobressaltos até ao nº 9, de Março de 1923; em 1924 publicou apenas o nº 10; em Março de 1925, veio a lume o 1º suplemento, em formato de jornal, que é uma peça raríssima hoje em dia, prendendo-se esta opção com dificuldades monetárias ou com a doença que insidiosamente minava José Pacheco; em Maio, Junho e Julho/Outubro de 1926 vieram a lume três números, com menor qualidade literária e, eventualmente, menor tiragem, facto que os tornou mais difíceis de se encontrar nos alfarrabistas.

Principais colaboradores: Afonso de Bragança, Afonso de Dornelas, Afonso Duarte, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Albertina Paraíso, Alberto de Monsaraz, Alberto d'Oliveira, Alfredo Guimarães, Alfredo Pimenta, Américo Durão, Almada Negreiros, Álvaro de Campos, Álvaro Maia, Amadeu Sousa-Cardoso, Américo Cortez Pinto, André Brun, Antero de Quental, António Arroio, António Botto, António Carneiro, António Correia de Oliveira, António da Costa, António de Cértima, António de Navarro, António Feliciano de Castilho, António Ferro, António

Patrício, António Sardinha, António Soares, Aquilino Ribeiro, Artur Portela, Augusto de Castro, Augusto Ferreira Gomes, Augusto de Santa-Rita, Beatriz Delgado, Bernardo Marques, Camilo Pessanha, Cândido Guerreiro, Cardoso Marta, Carlos Amaro, Carlos Babo, D. Carlos de Bragança, Carlos Franco, Carlos Malheiro Dias, Carlos Queirós, Celestino Soares, Cláudio Carneiro, Columbano Bordalo Pinheiro, Correia da Costa, Diogo de Macedo, Dórdio Gomes, Eduardo Malta, Eduardo Viana, Ema Santos Fonseca, Ernesto do Canto, Eugénio de Castro, Eugénio Soares Branco, Fausto Guedes Teixeira, Fernanda de Castro, Fernando Pessoa, Ferreira de Castro, Francisco de Lacerda, Francisco Franco, Gil Vaz, Gomes da Costa, Henrique de Vilhena, Henrique Franco, Hipólito Raposo, Homem Cristo, Homem Cristo Filho, Ivo Cruz, João Ameal, João de Barros, D. João de Castro, João de Castro Osório, Jorge Barradas, José Dias Sancho, José Osório de Oliveira, João Vaz, Juan Cristobál, Julião Quintinha, Justino de Montalvão, Le Corbusier, Leitão de Barros, Leonardo Coimbra, Lobato Monteiro, Luís de Almeida Braga, Luís de Montalvor, Manuel Jardim, Manuel Ribeiro, Maria Amália Vaz de Carvalho, Maria de Carvalho, F. T. Marinetti, Mário de Sá-Carneiro, Mário Saa, Martinho Nobre de Melo, Mendes Cabeçadas,

Milly Possoz, Olavo d'Eça Leal, Oswaldo de Andrade, Ramalho Ortigão, Rabindranath Tagore, Ramón Gómez de la Serna, Raul Leal, Reinaldo dos Santos, Silva Passos, Stuart Carvalhaes, Teixeira de Pascoaes, Teixeira de Queirós, Teófilo Braga, Toulouse-Lautrec, Urbano Rodrigues, Vázquez Díaz, Veiga Simões, Virgílio Correia, Victor Falcão, Virgínia Vitorino e Visconde de Vila-Moura.

**Bibliografia:** CHORÃO, João Bigotte, «Contemporânea», in *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 1, Lisboa, Verbo, 1995; COLAÇO, Tomás Ribeiro, «José Pacheco», in *Fradique* (Lisboa), nº 35 (4.10.1934); FRANÇA, José-Augusto, «Nota sobre a *Contemporânea*», in *Sema* (Lisboa), nº 3, (Outono de 1979); GUIMARÃES, Fernando, *A Poesia da Presença e o Aparecimento do Neo-Realismo em Portugal*, Porto, Editorial Inova, 1969; MAIA, Álvaro, «Contemporânea Nº 8», in *Revista Portuguesa* (Lisboa), nº 17, (14.07.1923); OLIVEIRA, António Braz de, e PIRES, Daniel, *Pacheco, Almada e a Contemporânea*, Lisboa, Centro Nacional de Cultura/Bertrand, 1993; «Prémios literários e artísticos para compensar o esforço intelectual», in *Diário de Lisboa* (15.01.1923). (Não assinado); ROCHA, Clara, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1985. Na Biblioteca Municipal do Porto existem cartas de José Pacheco, Raul Leal e Silva Tavares com referências à revista.

## CORJA (A)

*Quinzenário literário* publicado em Lisboa, editado por João Linhares Barbosa. Número único datado de 1 de Dezembro de 1919, com colaboração de Fernando d'Almiro e de Narciso Xavier.

## CORREIO DE MIRANDELA

*Semanário democrático, literário e noticioso* fundado em Mirandela por José Dionísio Neves, em 1906, tendo-se prolongado-se pelo menos até 1937.

## CORREIO DO SADO (O)

*Semanário noticioso e literário* publicado em Setúbal, de 27 de Março a 22 de Junho de 1916, oito números dirigidos e editados, respectivamente, por António da Fonseca Duarte e Amílcar Soromenho Coelho.

Colaboração de Etraud, João do Sado e Júlio Dantas.

## CORREIO ELVENSE

Fundado em Elvas no dia 10 de Outubro de 1889, prolongou-se até 2 de Agosto de 1951, data do nº 906 da 2ª série. Foi dirigido por António José Torres de Carvalho e, mais tarde, por Henriques Tierno. Teve reduzida colaboração literária.

## CORREIO DO VOUGA

*Semanário independente, noticioso e literário* publicado no Eixo, de 1907 a, eventualmente, 31 de Julho